

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Astig/oluniv

Anno **Semestre** **Avviso**

No. conto da Fianpi 01 Franciso per numero tre 20 francise piratino.

2.^o Anno. — Volume II. — Numero II.

PARIS 5 DE JUNHO DE 1885

Director : MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

UA/IA, in NOTICIAS, n.º 1 do 1.º de Maio de 2014

Asxif-ufüwcis

ANNO | UOH **I ~ KJ** (C. 1)

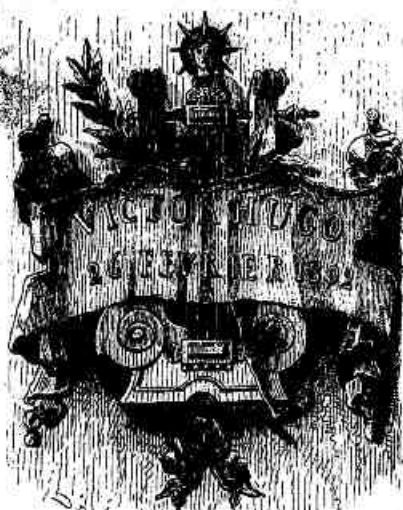
SIM:sTHE | | |

ANNO: **jimmie:IA?** |

AVCL09



GLORIA AO GENIO...



Placa comemorativa e collocation na casa onde Victor Hugo nasceu.

Se o nosso jornal é alguma cousa; se nós, em lingua portuguesa, podemos fazer uma revista illustrada, collocando-a á altura das primeiras revistas da Europa — é porque estamos em Paris.

É a grande e famosa cidade que nos tem ensinado a produzir a nossa obra; é na grande cidade que encontramos os artistas aos quaes devemos uma boa parte dos nossos successos; é com a imprensa da grande cidade que temos apreendido a produzir a obra que empreendemos ha mais de um anno; é este perfume particular de Paris que a *ILLUSTRAÇÃO* leva a Portugal e ao Brazil — que nos faz estimados e queridos de todo o publico. Tudo o que somos — devemos-o a Paris!

E o sublime e inspirado poeta d'este grande e famoso Paris — acaba de morrer!

A dolorosa impressão que esta desgraçada verdade nos produz, não se descreve. Não é o momento nem para uma critica, nem tão pouco para um elogio. Receta-se ser ridiculo diante d'este tumulto que encherá o corpo do Mestre, empregando palavras que andam prostituídas em necrologios banaes...

Limitemo-nos a transmitir á familia de Hugo, a todos os nossos collegas da imprensa parisiense, a este Paris que tanto amamos e dentro do qual tanto temos aprendido — a expressões bem sinceras e bem pungente da nossa profunda e immensa dor!

A ILUSTRAÇÃO.

FUNERAES DE VICTOR HUGO

O proximo numero da *ILLUSTRAÇÃO* será todo consagrado aos funeraes realizados em Paris. A *ILLUSTRAÇÃO* fazendo uma escrupulosa escolha de tudo quanto se publicou, offerecerá aos seus leitores um numero unico contendo as melhores gravuras que tenham apparecido em Paris. A *ILLUSTRAÇÃO* é a unica revista em portuguez que neste momento pode esclarecer e interessar o publico sobre este assumpto que occupa a attenção de todo o mundo.



ZOLA E EÇA DE QUEIROZ

O ROMANCISTA portuguez chegava no dia 1 de maio a Paris, devendo partir no dia 2, de manhã, para Londres, a caminho de Bristol. Simplesmente, quando eu lhe disse que Zola tinha empenho em o conhecer, Queiroz resolveu demorar-se mais um dia em Paris. As sete horas do dia 2, antes de jantarmos, lia elle a minha chronica do n.º 9 da *ILLUSTRAÇÃO*, á porta do *Café da Paz*. Nessa mesma noite Zola recebia uma carta minha prevenindo-o da nossa visita, no dia seguinte, pela volta das onze. E no dia seguinte, um soberbo domingo de primavera, um domingo festivo, cheio de sol, convidando os parisienses ao alegre jantar no campo, mesmo sobre a margem do Sena — no dia seguinte, chegavamos a casa de Zola que nos acolhia de mãos estendidas, contente e satisfeito por apertar a mão áquelle que em Portugal tão brillantemente tem espalhado o credo da egreja naturalista.

Uma cousa que deveras surprehe de todo e qualquer francez, é encontrar-se diante d'um estrangeiro que lhe falla com a maior facilidade a sua lingua. Porque o francez, ainda o mais educado, ignora os idiomas; o estudo das linguas é-lhe essencialmente penoso; e quando por acaso chega a fallar alguma, porque habito alguns annos um outro paiz, nunca é com esta perfeição com que um portuguez ou um russo falla o francez, mesmo o francez mais complicado de termos e de pronuncia que se ouve em Paris.

Zola não occultou a sua surpresa a Eça de Queiroz, quando vio diante de si um lisboeta que mais parecia um filho do boulevard. Realmente, Queiroz falla e escreve com immensa facilidade e elegancia a lingua franceza. O termo mais antigo, o termo classico, como o termo mais moderno do argot mundano, do argot litterario ou do argot artistico, elle não o ignora. E a sua phrase tem por vezes a ligeireza e a vivacidade d'um final de chronica á Scholl.

— A verdade, dizia Zola, é que nós somos muito ignorantes! No tempo do segundo imperio os rapazes tinham mesmo por luxo não saber nenhum idioma, pela simples razão de que o allemão era obrigatorio... Felizmente que, depois da guerra, nos vemos forçados a prestar mais attenção ao estudo das linguas. Da minha geração não conheço nenhum romancista que saiba mais do que a sua lingua. Eu sei ler um pouco o italiano, porque meu pae era italiano. Mas Flaubert só sabia o francez; Daudet tambem; os Goncourt tambem; se olharmos mais para traz: Balzac só sabia o francez; e se Stendhal sabia o italiano, é porque tinha habitado em Italia por muito tempo...

Queiroz explicou em rapidas palavras, com aquella precisão de critica e brillantismo de observação que nós todos lhe conhecemos, como Portugal que pensa, que estuda e que escreve, tem os olhos fixos em Paris; como tudo quanto Paris produz interessa immediatamente em Portugal; como a lingua franceza é hoje quasi familiar em todas as classes, sendo quasi a lingua official nos salões mundanos, como acontece na Russia.

— Mas que novo quê? exclamava Zola. O que eu vejo é que no seu paiz se interessam prodigiosamente pelas questões litterarias...

— O nosso paiz é um paiz de litteratos!

responde espirituosamente Queiroz. Toda a gente escreve, toda a gente faz prosa ou faz versos... A litteratura interessa muito mais que a politica. E a mocidade que outrora tinha por suprema aspiração pegar n'um touro ou metter um ferro, transformou-se n'uma mocidade que só pensa em escrever um soneto ou escrever um conto. É uma verdadeira epidemia!... E o nosso querido mestre, quantos annos tem?

— Quarenta e cinco... Mas sinto-me já doente, fatigado, exausto. O *Germinal* deixou-me sem forças...

— Não admira. Quando se escreve uma obra d'aquella ordem, uma obra-prima, é impossivel que não vá com ella um pedaço da existencia do auctor...

— De resto, todos nós estamos doentes, doentes do estomago... Eu, o nosso Daudet, e o Goncourt. Todos tres teremos a vida curta... O que me assusta não é a morte; é a ideia de não poder completar a série de romances, a série dos *Rougon-Macquart*. Ainda me falta escrever seis. A tarefa só estará prompta d'aqui a seis annos. Mas se chego aos cincoenta e um annos, tendo escripto todos os volumes que me lultam, ainda me vou dedicar ao theatro, exclusivamente ao theatro.

— E tem confiança no genero?

— A maior, a mais absoluta. No theatro ha a adquirir os mesmos successos e os mesmos resultados que ultimamente se tem adquirido no romance. Eu é o que recomendo constantemente aos novos escriptores. Simplesmente, em França, raros são os que se decidem a lutar por um genero; e os novos preferem os rapidos e seguros successos de livraria, ás eventualidades do theatro. E contudo é este o terreno mais amplo, mais fructifero e o menos explorado. Sómente, é necessario trabalhar, lutar, revolucionar... fazer cousa nova. O theatro tenta-me ha muito; e ainda ha dias quando assistia aos ensaios da *Arlesienne* do nosso Daudet, reconhecia que é muito mais agradável ser auctor dramático do que ser romancista. Um romance, o comprador leu-o, e se gosta ou se não gosta é cousa que o romancista ignora. Emquanto que no theatro o auctor está em luta franca e declarada com o publico, vencendo-o ou ficando vencido!

E estas palavras eram tão calorosamente ditas, com tanta convicção e com tanto enthusiasmo, que mais uma vez reconheciamos n'este homem que hoje nos estava fallando, o artista creador e ousado que todo o homem de letras deve admirar e respeitar, o prodigioso artista que só nasceu para a luta, lutando encarniçadamente, interminavelmente, em nome da sua ideia, da aspiração suprema do seu espirito e da sua alma para uma outra interpretação da Arte e uma outra comprehensão da Natureza. E quando um homem se aproxima d'um tal artista e d'um tal caracter, esse homem sente verdadeiramente piedade pelo bando impotente e ridiculo de todas as mediocridades que ainda hoje lêem nos calcanhares de Zola, como outrora outros mediocres ladravam aos calcanhares de Victor Hugo. Piedade, sim, meus amigos, porque só piedade nos pode inspirar o triste bando dos ignorantes com audacia, o melancholico e aleijado bando dos imbecis e dos cretinos com pretensões, dos que nunca poderão comprehender um só minuto da sua vida o que é o sacrificio por uma ideia — porque n'elles o espirito é um eterno horror preto, e a alma uma triste confusão de sentimentos esboçados...

— E, se não é indescricao, poderá dizer-nos qual é o seu proximo romance? interrogou Eça de Queiroz.

— O *Germinal* deixou-me realmente fatigado e doente... Por tanto, vou escrever um romance de meia tinta, um romance que não exija um grande esforço, um romance no genero da *Joie de vivre* e da *Page d'Amour*. Por enquanto *L'Œuvre* é o titulo escolhido, mas não será o definitivo, porque o não acho bom. Mas a falta de melhor, irá esse. *L'Œuvre* será a co-

mance d'um pintor, a vida dos artistas, que eu contongo bastante, ligada também a vida dos literatos. Representarei o esforço empregado pelo talento para adquirir o successo, o esforço empregado pelo artista para dominar Paris, para ser a celebridade parisiense. Haverá varias paginas pintando multidões ainda não observadas. Fazer este romance vai ser para mim coisa bastante agradável, porque o fui todo de recordações da mocidade, salpicado de paisagens cheias de sol, pedaços da minha Província, e mesmo vou-me descrever n'um segundito plano, ao lado da acção, que será muito simples. D'aqui a um mez vou para Médan, onde escreverei até agosto dois tomos do romance. Depois, vou fazer uma viagem até a provincia, a uma cidade d'aguas, porque Madame Zola acha-se bastante doente. Voltarei em outubro a Médan, e em janeiro creio que o romance deve estar concluido.

Que soberba grandiosa de pensamento! Que delicada obra-primavera vamos apreciar d'aqui a um anno, mostrando-nos uma outra vida classica das mais brilhantes irregularidades, e das mais pittorescas oscillações! E portanto *L'Œuvre* é para Zola uma obra apenas de desfaço, feito somente de mais tintas... Que coisa extraordinaria, esta prodigiosa simplicidade com que elle alluda a um romance tão vasto, chamando-lhe obra de repouso, de segunda ordem — quando as suas linhas geras já começam a abranger todo um mundo d'uma incalculavel variedade d'aspectos.

— E então em Médan, onde trabalho de preferência?

— Em Paris apenas me demoro os mez ou quatro mezes mais rigorosos do inverno. O resto do tempo passo-o em Médan, onde estou mais tranquillo e onde tenho mais espaço e mais ar. As nossas casas de Paris com a pouca luz e com os tetos baixos, são horríveis... Os senhores, depois do sol, é que devem ter magnificas habitações... Eu mesmo talvez que me não demore muito tempo n'este meu *appartement*. Ando com immensa vontade de alugar um atelier de pintor com casa de habitação para minha familia, e para eu fazer do atelier uma grande casa de trabalho, com uma enorme vidraçaria e tetos bem altos para respirar a vontade.

— Começou a escrever muito cedo, ou foi só tarde que se declarou a sua grande vocação litteraria? — Interrogou Ega de Queiroz, que investigava e inventariava por dentro e por fora o seu homem, não lhe perdendo um gesto, uma expressão physiologica. E de quando em quando, Queiroz fixava o monoculo: ou sobre um delicioso pastel de Manet, o artista que Zola tanto amava; ou n'uma antiga Nossa Senhora, de prata lavrada, pregada a um fundo de velludo encastilhado n'uma velha moldura, uma Nossa Senhora com um ar muito portuguez e que, collocada na minha frente, me recordava toda uma epocha inconsciente e feliz da minha meninice, quando eu sabia de casa de meus paes e ia até a Igreja Nova, no Rocio da villa, ver minha madrinha, Nossa Senhora do Rosário, no seu altar pequenino, sempre cheio de velas cáras e de frescas flores; ou então fixando um velho Christo de machim, despregado da cruz, os braços partidos, e que estendia o magro e amarellecido corpo sobre massas de papéis...

— Lembra-me que em pequena, aos doze annos — respondeu Zola — projectei uma variedade de romances sobre as cruzadas. Estava então na escola e apprendia historia antiga. Um romance ainda eu escrevi; um enorme romance com longas citações historicas, onde havia evidentemente um cavalleiro combatendo por uma dama... O que é curioso, é que ainda conservo esse original; mas a letra é de tal modo defeituosa, e as paginas foram escriptas tão vertiginosamente, que eu por mais esforços que fiz não sou capaz de decifrar o que escrevi. Quando deixei a Província e vim para Paris, naturalmente como todos os do meu tempo, fui escrevendo sempre. Mas quando a minha

vida litteraria se começou a definir e depois da guerra. Já tinha escripto *La confessions de Claude* e *Thérèse Raquin*, quando em 1870 comeccei a serie dos *Rougem-Marchés*. Mas a guerra ts-bentou, e o principio volente me se publicam em fins de 82.

— O meu amigo follow-me na sua ideia de organizar uma bibliotheca naturaliserae francez...

— Esta ideia effectivemente sorri-me e desceio immenso; levanta a cabo. Excusado é dizer-lhe que como com a sua collaboração, o que eu ainda não encontro, porque também ainda me não meui em campo, foi o editor que comprehendeu a importancia d'esta edição e que quasi arriscou alguns milhares de mil francos. Ha, porém, uma coisa que ha de ser o nosso escripto? É a traducção. O que uma obra perde de graça natural, da perfume é incalculavel. Ainda ha tempos eu tinha lido no original italiano uma deliciosa comedia n'um acto, de costumes, do meu amigo Vera. Elle pediu-me para eu li-a fazer representar n'um theatro de Paris. Porci, o director do Odéon, tinha annuindo ao meu pedido. Mas quando chegou a traducção, da comedia não restou, nada, nada, nada... Todo o pittoresco do dialogo, que era tudo, tinha desaparecido. Ora é d'esto que eu tenho muito medo... (Voltando-se para mim). E como o se habita em Paris hei-de incommodar-me varias vezes quanto a nossa ideia estiver para ser posta em pratica; tanto mais que preciso d'esclarecimentos para um largo preloquio meu sobre todos os Qdmanistas inscriptos, preloquio que ha de abrimos os romances a publicar... Dirigiendo-se a Queiroz. E eu pergunto que me deixo a sua morada em Inglaterra e em Lisboa, para nos correspondermos sobre este assumpto. Mas o que eu quero sobretudo, é que que se não esqueça de me dar o prazer da sua visita, todas as vezes que passar por Paris.

Quando nos despedimos de Zola, já passava da meia hora. Só a sahida é que notei que o meu amigo mandara minha mudado de lugar, depois da minha ultima entrevista com o illustre escriptor. Agora vi-o em cima do fogão, sempre sentado sobre os calcabares, muito serio, muito grave, os braços egualmente estendidos em sentido horizontal, a lingua sahida, com o ar furioso e enfado de quem choca vin-
tencas o o

Ter-lhe-lhe bastou? ter-lhe-lhe bastou diante de pessoas de fora?...

Passava d'uma hora quando Ega de Queiroz e eu nos sentavamos para almoçar a uma meza de Duchesse, sobre o boulevard des Capucines, quasi em face da redacção do *Gil-Blas*. Se ha tarde em que um sol de maio em Paris não é bem uma metaphora, nem tão pouco uma visão pallida de poeta — era esta uma das taes... Através dos grandes vidros do restaurante, rolando surdamente sobre o calcetamento de madeira, via-se passar a multidão dos carros que áquella hora corria para Longchamps, para as corridas de primaxetas... Multidão de *char-à-bancs*, de modestos fiacres a 3 francos por hora, de victorias de luxo, d'um verniz purissimo, tiradas por um bello cavallo, — estas victorias onde passavam a rapidex d'um vôo: penhas louras de mulheres; focinhos agudos; centímetros, de cães; fôfos e tufo de pelicas caras; formas de arte-lhos delicadas, calçadas em seda preta ou escarlate; e sapatos aguiões, de verniz... O sol alegrava todo este movimento; e acima d'esta onda de carros via-se a linha d'esmeralda das arvores, seguindo o longo dos passeios, toda salpicada de florescencias douradas e cor de rosa.

E o nosso almoço foi dos mais tranquillos o almoço de dois homens que já tinham ganhado bem o soldo da

THEOPHILO BRAGA

No proximo numero A Ilustração publicara um chronico critica illustrada As Inhas Juntas, devida a penca d'este chronico collaborador e illustre professor de Latim, supposto de THEOPHILO BRAGA.

AS NOSSAS GRAVURAS

A MORTE DE VICTOR HUGO

A Ilustração to julgo do seu dever não só publicar todo este numero, mais ainda alguns numeros seguintes, de todo quanto possa dizer respeito ao grande poeta cujo morte é chorada por todo o mundo civilisado. Todo quanto se refere á vida do illustre velho que ha pouco tombou para a cova, cremos que deve interessar os nossos leitores de Portugal e do Brasil — porque se ha pazas na Europa e na America onde liguos mais tenha influencia, não sem duvida esses dois. E todos quantos falam a lingua portugueza bastarão lembrar-se d'um só nome — Guerra Junqueiro — para verem até onde chegou o génio inspirador do poeta dos Oitocentos... Porque Guerra Junqueiro é um dos mais gloriosos discipulos do Mestre sublime a quem Paris fez funerais como ainda não houve iguaes sobre a terra.

Para a primeira pagina do numero actual nada podiamos escolher de melhor que esta deliciosa e inspirada alegoria de Maurício Loloir

GLÓRIA AO GÊNIO.

Maurício Loloir é um aquarelillista notabilissimo, irmão dum outro celebre artista fallecido o anno passado, e que se chamava Luiz Leal. A nossa primeira pagina representa deus Muses mostrando a Hugo o livro aberto da Historia e offerecendo-lhe uma coroa e uma palmas. O desenho é elegantissimo, e poucas vezes a Ilustração tem offerecido aos seus leitores uma pagina tão bella e tão eloquente.

Publicamos em seguida uma gravura representando

A CASA ONDE NASCEU VICTOR HUGO

em Besançon, em 26 de fevereiro de 1802. O conselho municipal de Besançon decidiu em sessão de 13 de março de 1879 que fosse collocada a placa commemorative em bronze cujo desenho damos n'outro lugar, na fachada da casa onde o poeta veio ao mundo. Esta casa data do século XVII. Pertence hoje a um boticario. O compartimento que occupava em 1802, o chefe de batalhão de 30^{ta} meia-brigada, José Hugo, fica situado no primeiro andar. O quarto onde Victor nasceu tem duas janellas sobre a rua. São as duas janellas onde está indicada a placa, na nossa gravura. A inscripção, segundo o desejo do poeta, compo-se unicamente do nome e da data: Victor Hugo, 26 de fevereiro de 1802. O poeta canta do seguinte modo o seu nascimento:

Ce siecle avait deux ans! Rome remplaçait Sparte.

Ah! dans Besançon, vieille ville d'Espagne,
J'ai vu comme la France un grand fait d'armes.
Négligeant d'un sang breton et normand à la fois,
Un enfant sans cotillon, sans regard et sans voix,
Si dédaigné qu'il fut, ainsi qu'un criminel,
Abandonné de tous, écarté de son monde,
Et que son cor ployé comme un frêle roseau

MARCO PINA

*P'il faire en même temps sa bière et son berceau.
Cet enfant que la vie effaçait de son livre,
Et qui n'avait pas même un lendemain à vivre,
C'était moi...*

E Victor Hugo que viveu apenas os trez primeiros mezes da sua vida n'esta casa de Besançon, por circunstâncias excepcionaes nunca mais ali voltou; limitando-se a mandar uma carta de agradecimento á camara de Besançon, no dia em que a placa foi collocada.

Quando a gravura que se encontra a pagina 165, ella representa os

LUGARES AMADOS

DE VICTOR HUGO.

Como todos sabem, o poeta soffreu pelos seus versos e pelos seus discursos varias condemnações politicas. Uma longa parte do seu exilio passou-a em Inglaterra em Jersey e em Guernesey, e foi ali que elle escreveu os *Châtiments*, *Contemplations*, uma parte da *Légende des siècles* e este extraordinario romance que se intitula *Travaux de la mer*.

A biographia de Victor Hugo é tão conhecida que nós não insistimos em maiores detalhes.

De resto, a Illustração, já teve a honra de publicar este celebre retrato de Victor Hugo por Bonnat, o mesmo que estava no quarto onde o poeta morreu e que actualmente está exposto na Academia de Bellas-Artes de Paris, — e esse retrato é acompanhado d'uma biographia do poeta assignada por Theophil Brugg.

Retrato e biographia encontram-se no n.º 14 do 1.º volume da Illustração.

Chamamos para elles a attenção dos nossos leitores.

Quanto aos annos do exilio limitamo-nos a transcrever estas duas quadras do poeta.

*Il n'est plus exilé, il est en fin de terme.
Sans châtiment, sans vote, sans conseil.
Si quelqu'un a plus, qu'on arrête en plus ferme.
Et si plusieurs s'en vont, qu'ils devraient demeurer.*

*Si l'on veut plus que mille, eh bien! j'en veux dix mille.
Haine, abjection, je brave encore. Surtout
S'il en domine dix, je serais dix ans.
Elysée n'est rien, qu'un je serai celui-là!*

Estas duas quadras bastam para indicar o caracter de Victor Hugo. E se para o homem foi bem duro o exilio, o Arte é que está satisfeita porque foi

no exilio que elle escreveu algumas das suas obras mais valiosas.

Longe da patria, expulso de Paris pelo governo de Napoleão III, a Arte foi a sua companheira de todas as horas. Se elle, ao contrario, tivesse ficado em França, talvez que a politica tivesse aniquilado o artista e que nós não admirássemos hoje as obras-primas que tem maravilhado o mundo.

Todos quantos conhecem as *Contemplations* e os *Operarios do mar* hão de reconhecer na nossa gravura todos os sitios que Hugo nos descreve mara.

primas do illustre artista, achámos que seria sempre do maior interesse para os nossos leitores offerec-lhes um outro retrato de

VICTOR HUGO

o retrato mais moderno que se conhece, e que foi executado pelo nosso eminente collaborador Charles Baude. O elogio d'este grande artista já não é necessario fuzel-o. Todos quantos nos acompanham, desde que appareceu o primeiro numero da Illustração, tem podido apreciar este talento de primeira ordem, este finissimo gravador que sabe arrancar á madeira os traços mais delicados e os mais artisticos. Elle tem sido, com os seus trabalhos notabilissimos, um dos nossos elementos de successo. A gravura que hoje publicamos é mais uma prova do que asseveramos; e estamos certos que este retrato do poeta irá ornar muitas salas e muitos gabinetes de trabalho, honra que os nossos assignantes já tem dispensado a muitas outras gravuras da Illustração.

Publicando este retrato, prestamos mais uma vez uma homenagem ao maior poeta d'este século, aquelle que na historia tem lugar marcado entre Dante e Shakespeare.

Um retrato que pensamos vai ser visto com curiosidade é este retrato do

GENERAL

JOSEPH HUGO

o pai de Victor Hugo. Os ascendentes do poeta no século XVI e XVII eram nobres. Na arvore genealogica encontramos o nome de Anna-Maria, duquesa de Remiremont. Comtudo o avô do poeta era marceneiro na cidade de Metz.

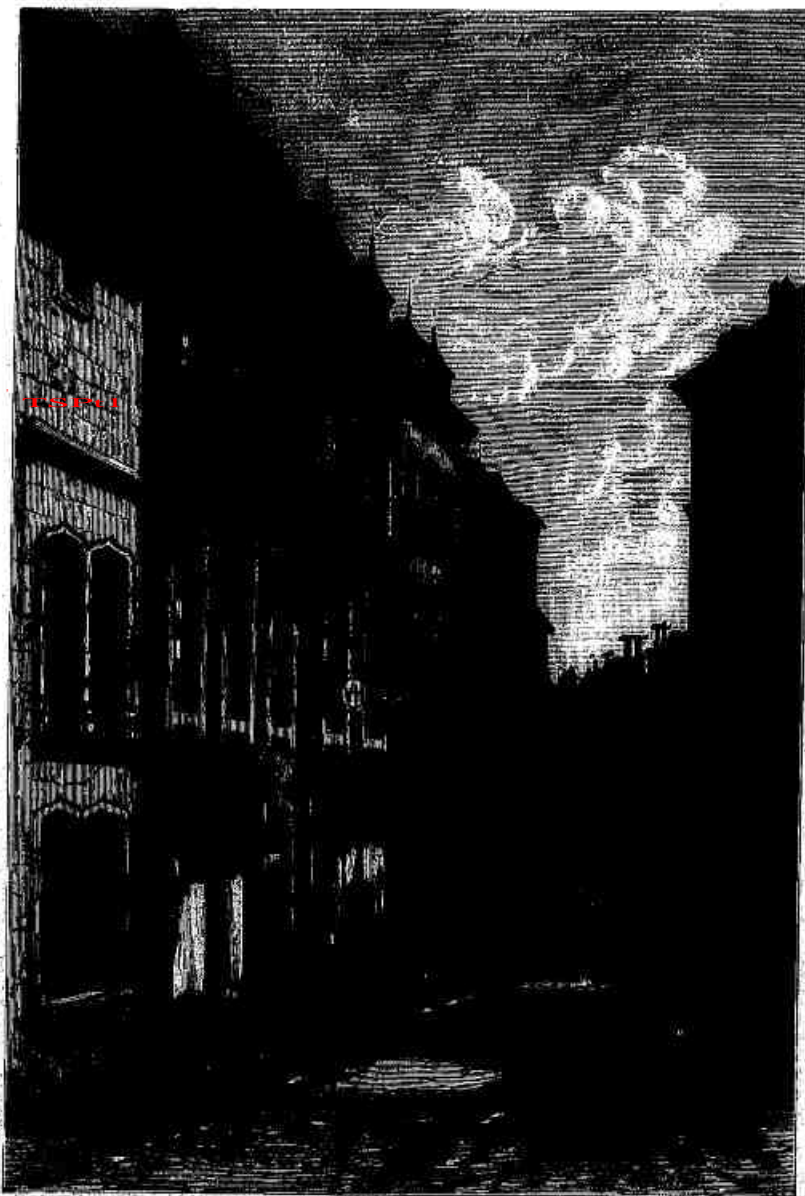
Seu pai assentou praça em 1788, casando depois com uma rapariga da Vendée, filha d'um negociante de Nantes.

Em 1802 era capitão de guarnição em Besançon. Foi ali, como já dissemos, que o poeta nasceu.

Victor Hugo era o terceiro filho do capitão. O primogénito chamava-se Abel, o segundo Eugénio, morrendo em 1837 no hospital de alienados de Charenton. Victor acompanhara seu pai na Italia nas guerras do imperio; e quando se casou foi mordomo do rei Joseph em Hespanha e governador de trez provincias. Victor foi collocado no collegio dos nobres em Madrid, onde esteve alguns annos. Esta mesma época de residencia em Hespanha influiu muito no espirito de Hugo, conservando sempre um

vilhosoamente em verso e em prosa. E foi sobre aquella taboa, enfrente do immenso oceano, que Victor Hugo produziu as poezias que todo o mundo subo de cor. A ilha de Guernesey, curiosa coincidência, tem a forma d'uma lyra. E um Estado independente, á frente do qual se achava governador representando a Inglaterra. Guernesey conta 31.000 habitantes.

Apesar de já termos publicado no n.º 14 — 1.º volume da Illustração o retrato do poeta pintado ha annos por Bonnat, e que é uma das obras-



A CASA ONDE NASCEU VICTOR HUGO, em Besançon aos 26 de fevereiro de 1802



As penhas de Guernsey. — Lin oval. — Uma rua. — O gabinete de trabalho de Victor Hugo.

ARCHIPELAGO DA MANCHA. — OS LUGARES AMADOS DE VICTOR HUGO

caracter cavalheiresco não só nos seus livros e dramas, mas também nos seus modos de vida.

O pai de Victor Hugo nunca pôde supportar as aspirações litterarias de seu filho. Estiveram mesmo interrompidas as relações entre o genitor e o poeta, que se viu obrigado a viver durante um anno com 800 francos, producto das suas primeiras publicações — só para se esquivar aos desejos do seu pai que lhe queria dar uma outra posição. Esse anno de miséria está descripto nos *Miserables*, quando o poeta falla da juventude de Marius.

■ Chegamos á gravura que representa

A CASA ONDE MORREU VICTOR HUGO.

Esta casa fica situada na avenida d'Eylau, hoje avenida de Victor Hugo, por voto unanime do conselho de Paris, no dia immediato ao da morte do poeta. Foi aqui que o poeta morreu, no dia 22 de maio, á uma hora e 27 minutos da tarde, tendo á cabeceira os medicos Vulpian, Germain Séé, e Allix; Mme Lockroy, Paulo Lockroy e Augusto Vacquerie, redactor em chefe do *Rappel*; e os seus netos, os seus queridos netos, Jorge e Joanna Hugo.

A gravura que hoje damos representa a casa do poeta vista do lado do jardim. A janella que nos fica á esquerda era o seu quarto de dormir. O seu quarto de dormir era tambem o seu gabinete de trabalho. Logo de manhã cedo Victor Hugo começava a escrever ou a ler. *Nulla dies sine linea*. O poeta erguia-se e sahia do seu leito para se ir encostar á sua banca. Victor Hugo escreveu sempre de pé, a meza a altura do peito. Mesmo de noite, tinha ao alcance da mão papéis sobre os quaes ao acaso do pensamento, escrevia o que lhe acudia ao espirito: uma ideia, um hemistichio, etc.

O jardim de que a nossa gravura representa uma parte é bastante grande. Era aqui que Victor Hugo passava durante muitas horas.

A casa da avenida d'Eylau não pertencia a Hugo. Tinha-a alugado á princeza de Lunsingen. Um dia os amigos de Hugo decidiram-o a que comprasse esta casa. Hugo dirigio-se á princeza para lhe propôr o negocio. A princeza pediu-lhe 750,000 fr.

— Acho caro! respondeu elle.

— E eu muito barato! — respondeu a princeza. — Lembra-se que n'essa casa está morando o maior poeta d'este seculo!... O predio hoje representa um grande valor historico...

O poeta sabia de caso da princeza encantado com a resposta, mas sem effectuar o negocio. Depois foi comprar um terreno na mesma avenida, um pouco mais além da casa onde morava. Mas ainda não está começada a construção.

Quanto á casa actual parece certo que o governo francez a vai comprar, comprando ao mesmo tempo á familia todos os moveis e livros que enchem as peças que o poeta occupava. E para fazer d'esta casa um museu, o conservador-intacta, como na Allemannha a casa onde morreu Goethe, e em Inglaterra a casa onde morreu Shakespeare.

■ A nossa ultima gravura representa o

SALÃO DE RECEPÇÃO DE VICTOR HUGO.

este salão onde por tantas vezes se reuniram os primeiros talentos de França, este salão por onde passaram homens bem celebres de todo o mundo, inclusivamente S. M. o Imperador do Brazil, por quem o sublime poeta tinha grande estima pessoal.

Era n'este salão que Victor Hugo recebia não sómente as visitas cerimoniaes, mas tambem os amigos pessoas. E entre os mais intimos indicaremos Alexandre Dumas, Arsène Houssaye, Emilio Augier, Victorien Sardou, Theodora de Banville, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, François Coppée, Catulle Mendès, Luis Ulbach, Ferdinand de Lesseps, etc.

■ Eis em resumo a historia de todas as gravuras que nos parecem curiosas offerecer hoje aos nossos leitores. No proximo numero publicaremos todas as gravuras dos funeraes. D'este modo, o publico poderá ficar ao corrente de tudo quanto se passou em Paris. E a Illustração que se encarrega de lho mostrar.

PARENTHESIS DE LUZ

(V.)

*Quando ella passa, tímida, hesitante,
Banhada a fronte num clarão bendito,
Vem até mim um eco murmurante,
Que não é deste mundo, em que eu habito.*

*Ao fulgor do seu palido semblante
Sinto na alma como um infinito,
Meu doído coração, amplo e gigante
Surge das trevas em que jaz proscripto.*

*Quando ella passa tímida, — a meu lado
Tudo o aroma do candido passado
Palpita e brilha, rapido, fugace,*

*E as aves choram tristes e saudosas
De quando vinham surprehender as rosas,
Que lhe eu traçava no palor da face...*

Porto, 9 de abril, 85.

JOAQUIM DE ARAÚJO.

APHRODITA

*Movel, festivo, trepido arrolando,
Á clara voz, talvez, da turba iriada
Das serenas de cauda prateada,
Que vão com o vento os carmes concertando.*

*O mar, — turqueza enorme, illuminada,
Era, ao clamor das aguas, murmurando,
Como um bosque pagão de deuses, quando
Rompeu no oriente o pallio da alvorada.*

*As estrellas clarearam repentinhas,
E logo as vagas são no verde prado
Tocadas de ouro e irradiações divinas;*

*O oceano estreamece, abrem-se as brumas.
E ella apparece nua, á flor do oceano,
Coroada de um circulo de espumas.*

*Cabello errante e louro, a pedraria
Do olhar falcando, o marmore luzindo
Colorido do peite, — nua e fria,
Ella é a filha do mar, que vem sorrindo.*

*Embalram-n'a as vagas, retinindo,
Resoantes de perolas, — sorria
De vê-la o golfo, se ella adormecia
Das grutas de ambar no recesso infinito.*

*Vê-la: veto do abysmo! Em roda, em pello
Nas aguas, cavalgando onda por onda
Todo o mar, surge um povo immenso e bello;*

*Vem a sandalia todos, revoando,
Gofinhos e tritões, em larga ronta,
Pelos retorsos buços assoprando.*

ALBERTO D'OLIVEIRA.



UMA QUESTÃO LITTERARIA

O sr. Abel Accacio enviou-me a certa que abrio as lés, e que me fez publicar com o maior prazer. E a resposta á minha chronica do n.º 7 — 2.º anno de Illustração, em que eu discuti o preambulo de sua *Lyra Inutilis*. Quasi accusava de supletivo para a minha inutilidade, porque eu não tinha de mais dovers de jornalista. Se em Portugal, porém jornal publicar a resposta que uma critica proveio, é necessario lamentar para os sentimentos honrados do director da folha, — em França não succede o mesmo. A publicação da resposta é um direito sagrado que assiste a todo aquelle que foi discutiado dentro d'um certo publico, e que dentro d'essa mesma publico se quer defender.

A resposta que eu não publico a carta do sr. Abel Accacio com o maior prazer é por ser com regozijo que tenho dentro de mim um scriptor de habitos novos, singulares. Se a minha critica se dirigiu a um d'esses sujeitos que nós vemos andar nas pulcinhas, apesar de mediocres — esse sujeito tornou-se logo pelo telegrapho os formosos epithetos de *bêta*, *invelit*, *ecolito*, *garvio*, *invaluto* e *uniluto*. ... O sr. Abel Accacio é um dos raros em quem se pode dizer, pelo que eu o felicito e o respeito. O que me parecia que n'isso, foi eu chamar-lhe *apud* *intelligente* que *argui*. ... Meu caro sr. ... Quando se tem talento ou bom senso, deve saber-se ler n'asquelle phrases as seguintes palavras: *« Era minha bem que me apparece alguns que não alguma coisa »*. ... Não estamos tão largos de vez o elegia pomposo e para andar iluminando existências da berra, que os que trabalham e estudam procuram deixar a phrase simples, modesta e clara para lida a publico, que os que realmente saem com talento.

M. P.

Ex.^{ma} collega.

Leí hontem o n.º 7 do volume 2.º da Illustração, splendida revista universal, tão superiormente dirigida por V., e confesso-me gratissimo pela maneira larga e aberta, francamente desafogada, porque V. se digna discutir o preambulo do meu pobre livro. A consagração d'uma chronica inteira á analyse das minhas opiniões e dos meus pontos de vista é caso tanto mais para me deixar imensamente lisonjeado, quanto constitue um facto unico de desassombro e deferencia para comigo, na serie das apreciações feitas ao meu trabalho pela imprensa.

Não ignoro que segui um processo bem pouco diplomatico para angustiar as boas graças da Critica... As verdades são como as cabeças de macella: se não amargam, não prestam; — e a Soberana Critica, como todos os soberanos, não quer verdades, quer lisonjas. Como porém o meu proposito foi, não ser adulador, mas ser verdadeiro, não podia deixar de escrever o que escrevi.

Em geral, o jornalismo indigena retrahiu-se — n'uma irritação de sensibilidade, — concedendo-me apenas, aqui ou ali, e de má vontade, os epithetos anodinos de *valtiosamente conhecido*, *talentoso*, *laureado*, *distinto*. — *Distincto!* Quando não é hoje no paiz *impeccavel*, *eminente*, *incomparavel*, *glorioso*, *divino*... [outro macaqueamento francez]... Chega a ser uma offensa. — Estive para mandar á Soberana Critica os meus padrinhos (1).

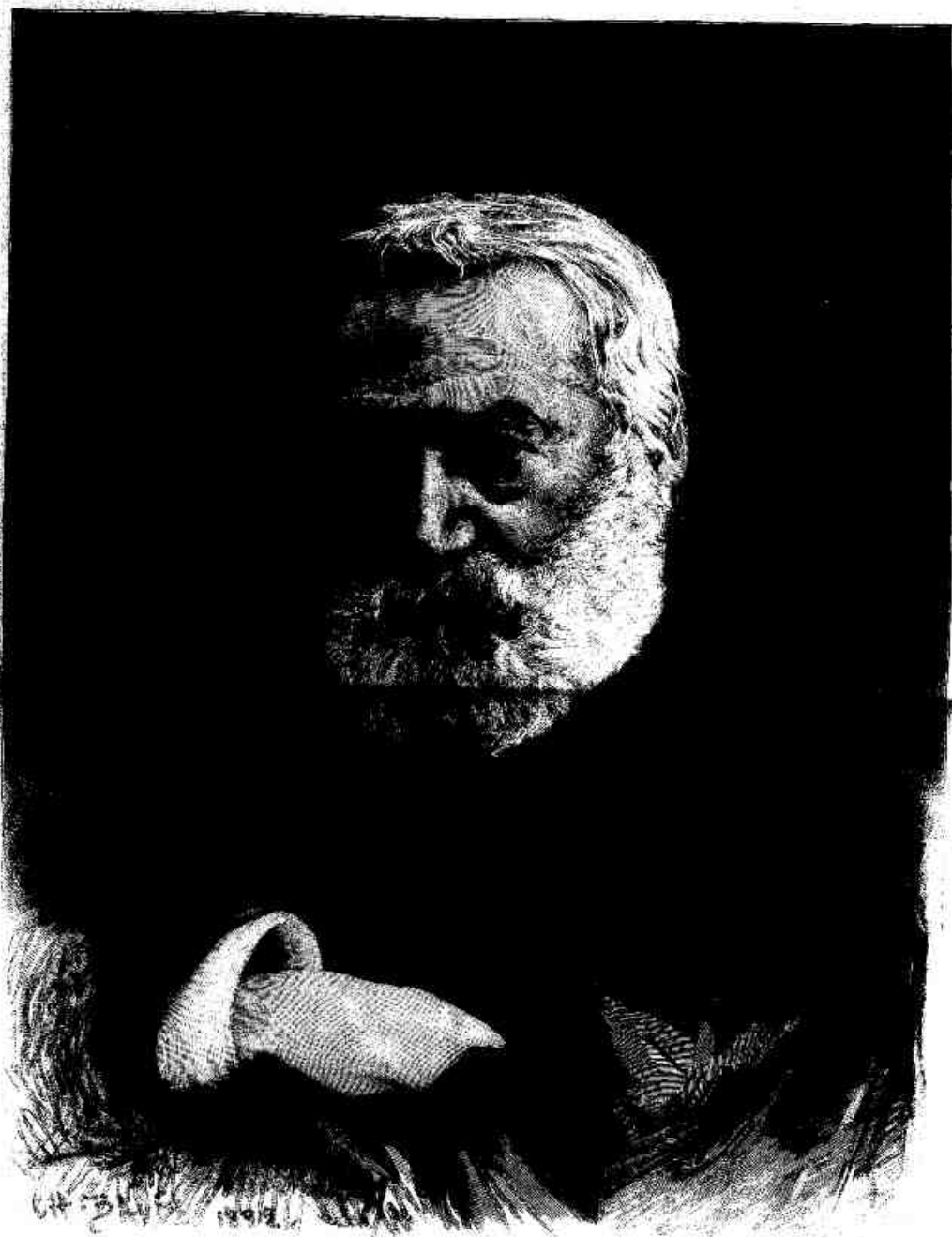
E então, quanto ao preambulo, mesmo nada... *Conciliioso, bem elaborado, audacioso*... foi ao mais que se aventuraram. Simplemente V., agulhando no seu justo valor, não o preço insignificante, mas a honesta intenção do meu trabalho, vem briosamente á liza, todo armado d'uma nobre e generosa hombridade que lhe faz immensa honra, ao passo que honra não menos o alvo das suas correições, hypotheticamente acertadas.

Mil vezes obrigado.

Assalta-me um desejo furioso de travar polemica, procurando defender com a maior somma de energia e de argumentos, de que for capaz, os meus modos de ver em litteratura. Reflectindo, porém, contemplo-me. Recio que o temperamento me sirva de irritabilidade excessiva dos meus nervos, torturados n'uma triste organisação que não logrou desenvolver-se completamente, faz-me desistir.

(1) Que os portaes portuguezes lhe agradeçam a boa vontade.

A ILUSTRAÇÃO



VICTOR HUGO

(Fallecido em 22 de maio de 1885)

Utopia que esta ilha tem mandado! A Inglaterra tem efectivamente mandado para França o cartão de póder, *hypothèque, tam-tam*, e o *fin o'clock* (sic); mas não arde que o sr. Accácio me queira provar que isto vale mais que os quadros de Courbet, de Millet e de Bastien-Lepage, que as músicas de Gounod, que os versos de Victor Hugo, e que a theatro de Dumas e Sardou.

Parcece-me que a sciencia allemã vale bem a sciencia franceza; e se tanto amam aquella em Portugal é porque pela importação de ver sciencia n'uma língua menos occisiva ao publico. Os nomes dos autores são mais estravagantes e isolados mais espartos que os dos francezes; as sciencias em allemão são de mais effeito para os talos...

É necessario não esquecer a triste verdade, meu caro sr. Em Portugal a mania da *araldia* e mais da *classe*, é coisa que já roça pelo ridículo e pela pedanteria. Quando se citam authors allemães, os nomes das vezes é d'ouvido, ou por andarem citados em livros francezes!

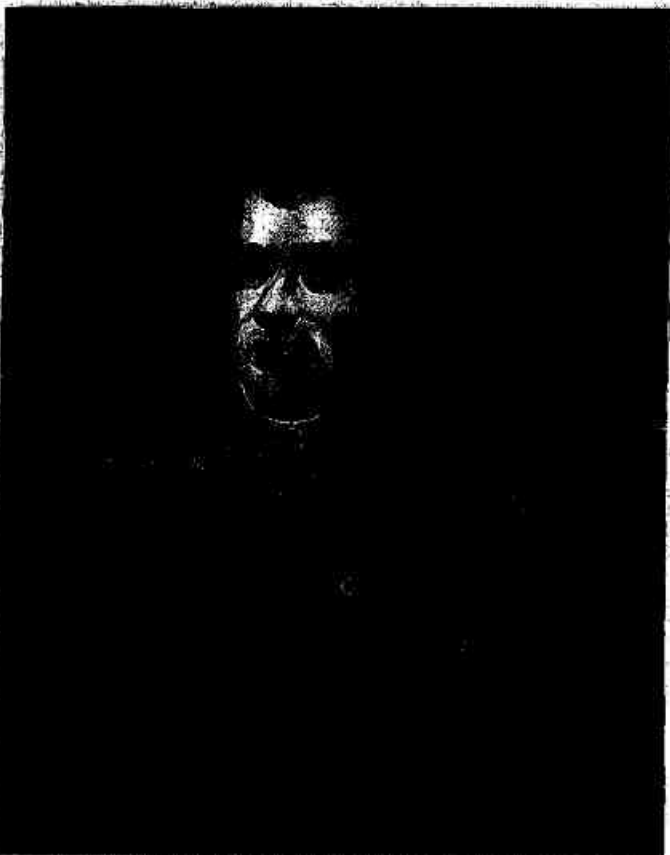
Pegou o sr. Accácio em certos litteraes que lhe chamam phrasas de Goethe, de Shakespeare, de Dante, mesmo de Hugo; e perguntou-lhes a queima-coupa:

— A fim que obras se encontram essas phrasas? — todos lhe hão de implorar misericordia...

São puros ignorantes com audacia.

Quanto á concorrência da Alemanha em creanças, berrantes bugigangas — é troça. As fabricas allemãs ou compram desenhos em Paris, ou appropriam todos os modelos francezes para os imitar servilmente, e fornecer os seus artefactos em igualdade de preço. Mas o modelo roubado, ou plagiado; e subreptu em, cerzaleas e quinquilharias... O que os vossos artefactos é que a maioria prima a a mão d'obra na Alemanha nem mais em conta, e portanto a Alemanha chega a concorrer em certos mercados estrangeiros com a França. Provavelmente isto inferioridade da França quando não os modelos francezes a que a Alemanha representa?

É certo d'eter que a Inglaterra fornece a França panes alimenticio. O país que apenas urdeia mantença ordinario em laticios, o carne e peixe em coizas de lata, nunca tariz a audacia de introduzir os seus generos n'um país como a França, onde



O GENERAL JOSÉ HUGO

a coustela é um templo e o ruinar não é um culto! A tuncão do salgado raro é comido, como compensação; é importação que se faz em Inglaterra d'obras d'arte francezas. Quanto a *esportes* distinguem. Eu não sei se elle exporta bronze para França. O que sei é que a França lhe exporta bronze em quantidade. A differença de — S — representa d'um lado a falta que se sabe extrahir do solo a estúpida matéria; do outro o país que lhe dá forma, que a faz viver, transformando-a na obra-prima que maravilha o mundo. V. Ex.ª será capaz d'hesitar entre a placidez e o escripto?!

Desde o momento que a França é o país que fez de coustela uma arte e do coustela um homem respectavel, accorrido será dizer que a um cope de Xerez ou de Malaga, profere um copo da Porta ou de Madeira, abrigado de Paris. E que pelos seus vinhos, não considerado em França é a Hespanha como a Portugal.

Não me parece que seja uma importação bem civilizada mandar *verbo*, como manda para Lisboa, das que fazem os *belles* da sociedade antiga e aproveitada...

Mas aqui também se erra.

No sacrilégio de Venus o elemento hespanhol é totalmente desachado em Paris... pelo que eu felicito a Hespanha!

Quanto a *bric à brac*, não fallamos n'isso. É coisa infeliz. Não é o *bric à brac* hespanhol a que Paris aprecia. É o do Norte, da Belgica, da Hollanda, da Dinamarca; são as velhas couzas da Alemanha e da Normandia; é o *bric à brac* nacional; são as couzas do Oriente, as couzas do Japão e da China. E hoje cobremdo a China e o Japão que dominam em Paris.

Será por este facto de modo, a França inferior ao Japão ou a China?

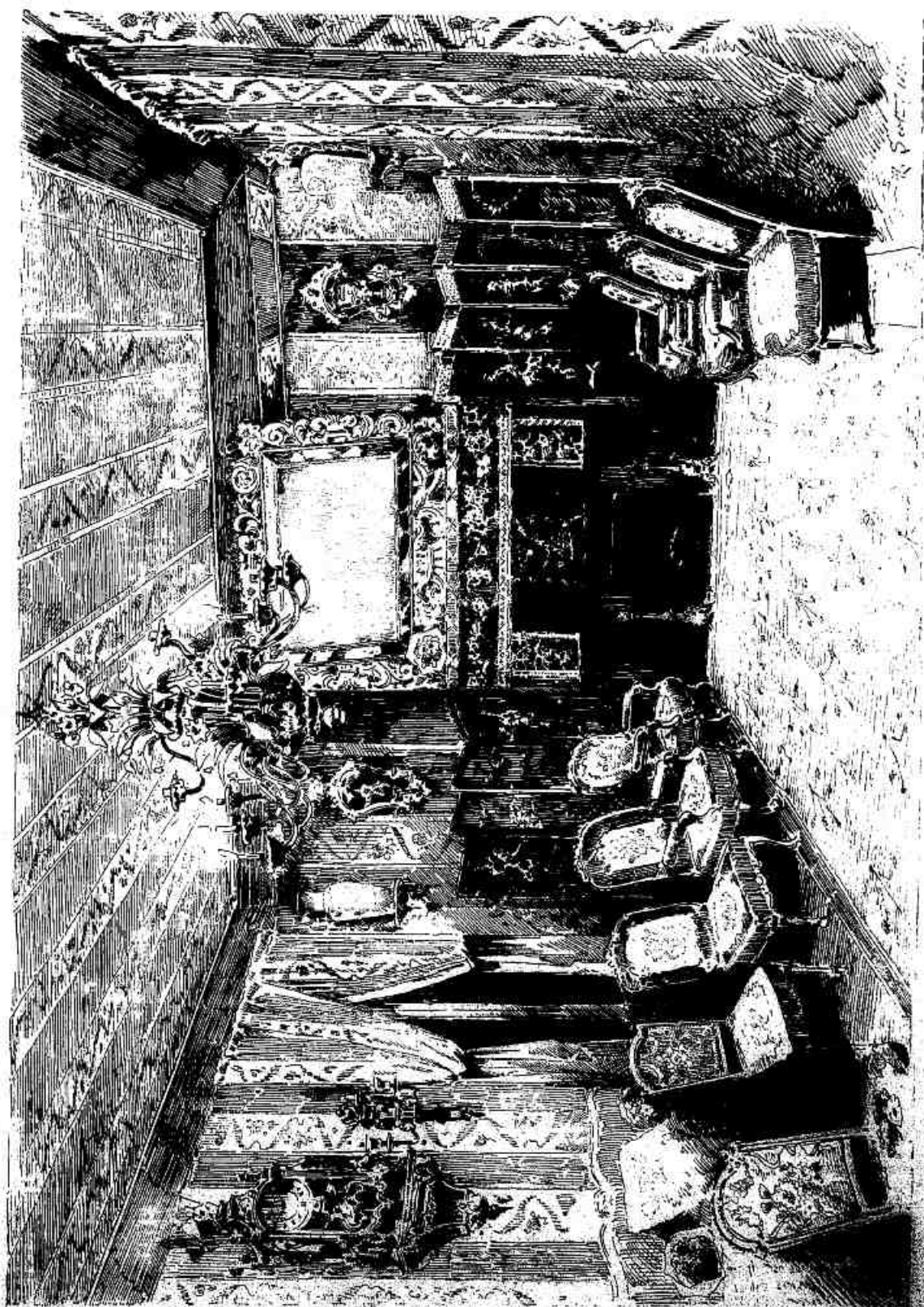
Até o sr. Accácio torri da minha ingenua pergunta!

Quanto a *Acacia*, quanto a *gorceira*, que dizem ser a França actual achado da Hespanha?

É mesmo que a França fosse o país mais pobre da Europa, que pudessem comprar tudo as couzas valiosas para viver, bastava-lhe toda a annua o movimento da sua arte e da sua litteratura, para ser o primeiro país do mundo.



A CASA ONDE MORREU VICTOR HUGO, em Paris, avenida d'Hylen, aos 22 de maio de 1885.



O SALÃO DE RECEPÇÃO DE VICTOR HUGO, EM PARIS

Traduzido a vulgar, quer dizer aquillo: que a França de hoje não é uma nação robustamente constituída, nem vigorosamente equilibrada; que não tem precisamente os caracteres de solidez e de força, que alardeia; que, se ainda não chegou á dynamisação metaphysica do sr. Anselmo Braamcamp, anda todavia muito perto da galhardia postiga do sr. conde de Mesquitella. Senão, veja-se. — Paris, a capital da intelligencia (folhetim, já citado, de V. no *Correio da Manhã*), no dominio scientifico, limita-se em geral, a reflectir e commentar as descobertas que lhe vêm de fóra; no campo litterario estadeia uma litteratura brilhantissima, sem duvida, mas inferior á sua enorme hegemonia social; no dominio physiologico, as aesteticas de mortalidade accusam um deperocimento na população espantoso; na arena politica, as antigas nevroses sublimas de 89, 93, 30, 48 desacreditam-se com os furros de 71, acabam agora de se ridicularisar inappellavelmente nos motins tristemente celebres que fizeram cair o ultimo ministerio Ferry, n'essa bambochata de acclamações desvairadas, irracionavelmente indistinctas, a Mac-Mahon, a Rochefort, a Clémenceau, a Napoleão... (1)

Hade concordar que com um poucochinho de macroscopia rhetorica se pôde dizer que a França se deslinda a olhos vistos, exhausta e macilenta sem ideas e sem vigor.

E eu não tenho odio á França; basta-me o irmandade de raça para lhe querer bem. Simplesmente, não me cega a sympathia. — Apesar de, ainda outro dia, um amigo meu me indigir o sacrificio de o acompanhar em larga peregrinação pelas lojas da Balça, em busca d'uma gravata... *côr de lama de Paris!* (2).

Dou as mãos á palmatoria, na confissão d'esse lapso que me faz tomar opera-comica por operetta. A penna atraigou-me, não reproduzindo com fidelidade o pensamento. Foi improprio e leveano, — confesso; e, ao mesmo tempo, applaudo-me de o ter sido, porque forcei encaixar a V para nos deliciar com um bello trecho de erudição lyrica.

Sou o primeiro a admirar e a amar a opera-comica, propriamente dita; tanto quanto detesto a operetta (a que me referia), a que é a opera-comica derancada. A inspirada musica da *Mignon*, da *Lokmé*, da *Carmen* é propriamente a musica franceza; traz dois intimamente a nitidez, a rapidez, a precisão, a graça do espirito gaulez. É uma musica caracteristica e adoravel. Tendo tomado um pouco da escola allemã, da italiana e da hespanhola, — as três escolas musicas mais poderosas, — soube depois crear-se uma especie de meia-tinta individual, um sabio eclectismo, uma originalidade mesurada, que

formam o soberbo incanto d'esse glorioso edificio artistico, que vem de Monsigny a Bizet.

A operetta não começou mal, porque primeiro não passava d'uma *oper-comitas* em miniatura, uma especie de redução, de escoreço de trechos musicas, uliis bellos e susceptivos de grande desinvolvemento. Gantis composições de merito, adoraveis, pequeninas, — que, apesar d'isso, Mazart chamava *aborts dramaticos*, *arreglos* de canções pouco acima do vaudeville, e que um musico regular podia compor das duas e ás três no intervallo entre o almoço e o jantar.

Este genero de musica foi inaugurado no theatro das Folies, que depois substituiu o *Déjaret*, la bom. Ia produzindo: *Femme à vendre* (Hervé), *Pantins de violettes* (A. Adam), *Docteur Tani-Tam* (Burbieri), *Iruschino* (Rossini), *Veuve Grapin* (Flottow), *Chanson de Fortunio* (Offenbach).

Depois lançou-se vertiginosamente na caricatura, na parodia, no ridiculo, na *charge* excentrica, derivou estupidamente para a *opera-buffa*... e estragou a Arte.

Diz V. que o dizer-se que a operetta tem estragado a arte dramatica, é uma banalidade. E sim sr. E porque?... — Porque está precisamente no animo de todos. — Uns vão para a operetta distrahir-se, outros aphrodisiar-se... nenhum tomar aquillo a sério. E, de mais a mais, a operetta tem a pretensão de ser a Arte a valer! Ainda se se limitasse a ser extremamente ligeira, — vi; — mas não, sr.; faz-se em tres actos. Não se limita a sublinhar o ridiculo; quer-se dar grandes arez, — o que é uma anomalia e um contrasenso.

Nunca poderão ser, artisticamente, mais que aberrações derrengues essas mixconfeitas grutescas de *Timbales*, *Angots*, *Mascottes*, *Giroflés*, — em cuja envergadura truanesca não ha processo, não ha esthetia, não ha gosto, não ha ideal.

Nem para *pepiniere* de futuros *maestros* serve a operetta, porque, se lhes dá pratica, não lhes dá a verdadeira orientação (3).

Tendo explanado e justificado a idea do meu preambulo, n'essa longa massada, que V. desculpará, resta-me agradecer mais uma vez a delicada attenção de V., e confessar-lhe que espero da sua lealdade a inserção d'esta carta na *ILUSTRAÇÃO*.

No entanto, creia que me subscrevo, com toda a consideração e estima,

De V.

grato collega e admirador,
ARIEL ACACIO.

Lisboa, S. C., Rua de Gomes Freire, 78.

Aos 19 de abril de 1885.

(1) Elle do novo as dentadas França. O sr. Anselmo diz tanto mais d'este bom paiz, e eu, como já se viu, a dizer tanto mais, que d'agui a pouco os meus inimigos vão affixar para a *Revue* que eu mandei á França, ou como polica critica, ou como espião. Então para o sr. Anselmo, tanto quanto se diz no *Correio da Manhã*, ou nelle *Revue* ou nelle *Opport*, não vale dois *carrocos*; tudo quanto se escreve na *Revue* de Medicina e nas *lumpas*, tudo quanto produz Pasteur, Chereul, Broudel ou Chereul, é uma indecência; a Escola normal é uma *brochadeira*; todos os que formam o Instituto de *France*, todos os que fazem parte da classe Academica, são uns *crônicones* ou litteratos e artistas *modernes* uns imbecis; a Conservatorio é uma porcaria; portaria a Escola polytechnica, a Escola de mines, a Escola de pontes e calçadas, a Escola de artes e officios; quanto se lê a *Revue* politica e litteraria ou a *Revue* scientifica o sr. Anselmo *lamenta* que não creassem uma franceza o escriptor João Felix ou a *Revue* *Comité* *Seixas* para prova do mundo como a *France* *Revue* e *classe* *vistos*, o sr. Anselmo chama a queda do ministerio *Opport*... — Mas uma vez interio no *ciado*. O que o sr. imagina ter um pessimo symponia, é ao contrario excellentissimo. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* *gargas* de *Bismarck*. Mas o Tonkin não entrou tão longe que não se corresse na *France* o *ruído* dos *canhões* e os *gritos* dos que *morrão* *variadas* *prata* *balas*. E quando Ferry se *tolhera* a *uma* *coluna* de *grande* *político* — a *que* *da* *o* *sangue* e do *ouro* do *seu* *paiz*... — a *France* *doce* *um* *empoiço* e *mendou* a *passar*. Quanto da *acclimação* *que* *estudo*, não *escreva* *littera* sobre *informações* de *Heter* *no* *do* *Tempo* — porque *estampo* e *pequ* *perdido*. Houve *apenas* *barulho* de *tepo*, d'uma *multidão* de *curiosos* que *se* *for* *como* *um* *ministerio* *que* *se* *luta* *forte*, é *delidido* em *24* *horas* *pela* *opinião* *publica*. Ou *disputa* *se* *em* *Inglaterra* *ou* *na* *sua* *querida* *Allemanha* *que* *um* *ministerio* *se* *adormecia* *de* *sondado*. Multo, que pousa que a *France*, confidada deusadamente na Republica, se tinha delidido adormecer ao som e á sombra da *rethorica* democratica. Ou quando Ferry a julgava bem adormecida, começou a amarchar-lhe *aperturas* *colunares* para *lutar* *pirâmides* a *Gladiadora* e *chlar* nas *dois* <

